

COMPREENSÃO DA VIVÊNCIA MATERNA NA AMAMENTAÇÃO¹**COMPREHENSION OF THE MATERNAL EXPERIENCE DURING BREASTFEEDING****COMPRENSIÓN DEL PUNTO DE VISTA MATERNO AL AMAMANTAR**ICLEIA PARENTE RODRIGUES²MARIA VERACI OLIVEIRA QUEIROZ³

Pesquisa qualitativa, com pressupostos da etnografia, cujos objetivos são: compreender o significado da amamentação nas vivências das nutrizes e apreender aspectos referentes às experiências de aprendizagem vivenciadas pelas mães em um Núcleo de Aleitamento Materno. Desenvolvida neste Núcleo de apoio à amamentação de um hospital do Sistema Único de Saúde, tendo como informantes da pesquisa mães acompanhadas neste local na condição de amamentarem seus filhos exclusivamente. Os dados foram obtidos a partir da observação livre e da entrevista semi-estruturada. A análise das experiências maternas destaca os aspectos socioculturais resultantes da interação social e vivência dessas mulheres como fenômeno marcante que implica na decisão de amamentar e a importância do processo ensino-aprendizagem entre as mães e os profissionais de saúde. Nos investimentos educativos, contudo, sobressaem os aspectos técnicos, acentuando um hiato com os fatores socioculturais que contemplam a subjetividade materna.

UNITERMOS: Aleitamento Materno; Antropologia Cultural; Educação em Saúde.

Qualitative research with ethnography presuppositions, whose aims are: understanding the meaning of breastfeeding in the lives of breastfeeding women, and apprehending aspects related to the learning experiences lived by the mothers at a Breastfeeding Unit. It was developed in the Breastfeeding Unit of a hospital belonging to the Health Unified System, having as subjects mothers assisted in the Unit under the condition of breastfeeding their children exclusively. The data were obtained from free observation and semi-structured interviews. The analysis of the maternal experiences highlights the socio-cultural aspects resulting from the social interaction, and these women's experiences as a remarkable phenomenon that implies in the decision to breastfeed, as well as the importance of the teaching-learning process between mothers and health professionals. In the educational investments, however, the technical aspects are emphasized, stressing a hiatus with the socio-cultural factors that contemplate the maternal subjectivity.

KEY WORDS: Breastfeeding; Cultural Anthropology; Education in Health.

Investigación cualitativa con presupuestos de la etnografía, cuyos objetivos son: comprender el significado del amamantar desde el punto de vista de las nodrizas y aprehender los aspectos referentes a las experiencias de aprendizaje vividas por las madres en un Núcleo de Alimentación de Pecho Materno. Desarrollada en este centro de apoyo a la alimentación de pecho materno en un hospital del Sistema Único de Salud, teniendo en cuenta los relatos de las madres que daban de mamar a sus hijos exclusivamente como datos para la pesquisa. Los datos se obtuvieron a partir de la observación libre y de la entrevista semi-estructurada. El análisis de las experiencias maternas destaca los aspectos socioculturales como resultado de la interacción social y experiencia vivida por estas mujeres como algo que dejó huellas y que supone la decisión de dar el pecho y la importancia del proceso enseñanza-aprendizaje entre las madres y los profesionales de la salud. En las inversiones educativas, sin embargo, se destacan los aspectos técnicos, señalando un hiato con los factores socioculturales que miran la subjetividad materna.

PALABRAS CLAVES: Alimentación de Pecho Materno; Antropología Cultural; Educación en la salud.

¹ Artigo extraído da monografia de graduação em enfermagem

² Aluna do 9º semestre do curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Educação, Saúde e Sociedade.

³ Enfermeira do Hospital Geral de Fortaleza. Mestre e Doutora em enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Docente da Universidade Estadual do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Saúde Mental, Família e Práticas de Saúde.

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é considerado o modo ideal e indicado para promover o crescimento e o desenvolvimento saudável da criança, influenciando na redução das taxas de morbimortalidade por doenças preveníveis, como diarreia, infecção respiratória e alergias, conseqüentemente, auxiliando na redução da hospitalização infantil. A amamentação, além de promover as vantagens nutricionais e econômicas, estimula o vínculo afetivo mãe-filho, não existindo substituto correspondente.

As inúmeras vantagens demonstradas às mães sobre amamentação não significam que elas terão possibilidades de amamentar, visto que, em nossa realidade, nos deparamos com a prática do desmame precoce, apesar dos programas nacionais e dos esforços da equipe de saúde incentivarem e apoiarem o aleitamento materno.

A efetivação da prática da alimentação natural nos primeiros meses de vida da criança é vinculada a diversos fatores que interferem na decisão de amamentar. A atitude em amamentar não é definida somente pelos benefícios da amamentação, mas pelo modo como a nutriz imagina e vivencia essa prática. A mulher estabelece metas, planeja, mas as decisões somente serão concretizadas quando ela se vê na situação de amamentar, diante do filho, vivenciando o vínculo mãe-filho e, ao mesmo tempo, as situações adversas que se sobrepõem nesse momento. Ela elabora significados ao fenômeno da amamentação, os quais devem ser reforçados positivamente pelos profissionais e pela família em interação com a nutriz.

Vale ressaltar que o significado do ato de amamentar é objeto de variações em conseqüência da época e do lugar, sendo diretamente relacionado ao valor atribuído pela sociedade à criança e ao exercício da maternidade. Atualmente, procura-se reaver os valores da criança e da sua saúde, como ponto crucial para uma sociedade mais justa e equilibrada, porém, muito se tem a fazer para atingir esse ideal.

A situação do aleitamento materno no Brasil revela tendência a um aumento na proporção de lactentes amamentados durante o primeiro mês de vida (92%). A amamentação exclusiva, porém, diminui rapidamente, antes que o lactente complete os seis meses de idade. Obser-

va-se que em torno de 60% dos menores de dois meses se alimentam exclusivamente de leite materno, e que mais de 95% desses lactentes são amamentados com ou sem suplemento alimentar. Antes de entrar no sétimo mês de vida, isto é, aos seis meses, 13% dos lactentes alimentam-se exclusivamente com leite materno e outros 51% são amamentados, embora recebam outros alimentos.¹

Estes resultados, assim como as experiências do cotidiano, mostram que a amamentação não é vinculada apenas ao instinto materno e às vantagens biológicas, pois, se assim fosse, não teríamos mães desmamando precocemente seus filhos. A amamentação é também um ato de aprendizagem, e vem carregada de significados para a mulher, sendo vivenciada com sentimentos, dificuldades e tomada de decisões ancoradas em saberes e valores adquiridos no meio cultural.

Portanto, as intervenções profissionais, destinadas à promoção do aleitamento, deveriam proporcionar, também, subsídios à mulher para refletir sobre suas possibilidades, auxiliando-a na tomada de decisão "consciente" para amamentar. Percebe-se, no entanto, que os profissionais "incentivadores" do aleitamento, na maioria dos casos, reproduzem uma contradição ideológica, desconsiderando os pontos "difíceis" da amamentação e reforçando somente os aspectos positivos.

Essa prática não colabora para aumentar a duração do aleitamento, mas contribui para que a mulher omita suas necessidades, com menções ao "leite fraco, pouco leite, criança insatisfeita", pois sua vivência na amamentação contrapõe-se aos pressupostos citados na orientação; ou, ainda, experimenta sensações de frustração e culpa, por não ter conseguido o ideal de amamentar, tão apregoado².

Muitas destas mães vivenciam conflitos e contradições, pois reconhecem que a amamentação é importante para a saúde de seu filho, mas, na maioria das vezes, não contam com o apoio profissional que lhes proporcione orientações necessárias para o completo entendimento e assimilação desta prática tão singular a cada mulher.

Acreditamos que uma prática educativa fundamentada na Antropologia Cultural facilita a comunicação entre os profissionais e a nutriz, pois, desta forma, esta será compreendida em suas necessidades, com respeito aos valores culturais e expectativas do momento.

A Antropologia Cultural valoriza as interações e as experiências humanas na busca dos significados simbólicos manifestados nos comportamentos e nas ações do cotidiano, ou seja, a interpretação da cultura. Esta teoria mostra que a cultura ajuda a ganhar acesso ao mundo conceitual dos sujeitos, pois é considerada uma ciência interpretativa a procura do seu significado. Assim a cultura é entendida como um sistema simbólico que deve ser visto em um contexto de acontecimentos sociais.³ Portanto, a utilização desse referencial para nortear a prática educativa na amamentação, é uma das alternativas que pode contribuir para mudanças na maneira de lidar com a nutriz, uma vez que o profissional se aproxima dos aspectos subjetivos e das experiências carregadas de significados.

Considerando o contexto apresentado, surgiu a motivação para o estudo sobre o ato de amamentar, associado ao cotidiano das mães, percorrendo um contexto social e cultural, na busca de compreender a amamentação na perspectiva da nutriz, com os seguintes objetivos: compreender o significado da amamentação nas vivências de mulheres nutrizes e apreender aspectos referentes às experiências de aprendizagem vivenciadas pelas mães em um Núcleo de Aleitamento Materno.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Optamos pela metodologia qualitativa de natureza etnográfica, fundamentada em pressupostos da Antropologia Cultural, por entendermos que esse método engloba as dimensões da investigação social, interligadas com elementos da cultura dos sujeitos envolvidos no processo de amamentar.

A etnografia é o método de escolha nessa abordagem, pois trata de descrever a cultura de forma inteligível, isto é, de maneira densa. O universo do discurso humano é visto em um contexto social, pois as manifestações culturais encontram-se articuladas com o mundo social dos sujeitos. A compreensão da cultura pode ser descoberta a partir da interpretação do discurso e dos atos das pessoas, situando-as no âmbito sociocultural em que estão inseridas. Os significados emersos desta interação social são interpretados, identificando os elementos que a constituem, captando o sentido desses elementos na estrutura social.³ Deste modo, o pesquisador interage diretamente com os sujei-

tos, privilegia o trabalho de campo, para depois, de forma inteligível, construir os significados contextuais.

A pesquisa etnográfica incorpora modelos interpretativos que transitam numa dialógica entre o pessoal e o social, o corpo e a mente, o objetivo e o subjetivo, de modo que influencie a reconstrução de abordagens práticas e científicas humanizadas. Percebe o homem em sua dimensão cultural, recuperando os dilemas existenciais da vida, isto é, uma preocupação com o ser humano em seu contexto de vida onde se expressa a cultura.

Nessa perspectiva, a etnografia tem como objetivo desvendar os significados percebidos por meio das relações sociais, por via de um sistema de significados mediados pelas estruturas sociais e a ação humana⁴.

Para compreender a amamentação segundo o mundo-vida das nutrizes em seu contexto cultural, utilizamos métodos e técnicas inseridas nas ciências sociais e humanas para conhecer um fenômeno social, visando descobrir sua essência.

A pesquisa foi desenvolvida em um Núcleo de Aleitamento Materno (NUAM) pertencente a um hospital do Sistema Único de Saúde (SUS), com referência ao atendimento à criança e à mulher, na cidade de Fortaleza, Ceará.

Os sujeitos da pesquisa foram mulheres assistidas no Núcleo, que amamentavam seus filhos, exclusivamente. A escolha, como a aceção desta palavra sugere, foi realizada intencionalmente, respeitando a disponibilidade e a aceitação das participantes, sendo estas informadas quanto ao tipo de pesquisa, finalidade e forma de participação, assinando um termo de consentimento livre e esclarecido. Vale ressaltar que outros aspectos éticos foram cumpridos e o projeto de pesquisa foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde foi desenvolvida a investigação. Portanto, incorporamos os pressupostos da Bioética (autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça), delineados na Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, a qual estabelece comportamentos, procedimentos e atitudes condizentes à realização de investigações com seres humanos.

Os dados foram obtidos por meio de observação livre, registrados em diário do pesquisador durante a convivência neste cenário, que inclui pessoas com objetivos de promover, ajudar e desenvolver a prática da amamentação.

Realizamos, também, a entrevista semi-estruturada no período de junho a novembro de 2003, tendo como base as seguintes questões norteadoras: “Como está sendo a amamentação para você e seu filho?”; “O que ou quem ajudou a decidir por amamentar?”; “Em que aspectos a equipe do NUAM ajudou na amamentação?” As observações conseguidas foram realizadas de modo seqüencial, de duas a três vezes por semana, no período de seis meses, com o intuito de apreender o comportamento das mães; as motivações que as levavam a procurar o serviço; o modo de chegada delas e a identificação das pessoas que as acompanhavam ao local.

Foram realizadas 14 entrevistas, das quais duas não foram utilizadas para análise, por não terem proporcionado um aprofundamento das questões investigadas. Estas entrevistas foram gravadas e identificadas por meio de algarismos arábicos. As informantes corresponderam a 12 mães e optamos por finalizar a coleta obedecendo a saturação teórica pelo critério de repetitividade das informações inerente à metodologia escolhida.

As entrevistas foram gravadas com autorização das mães e, após leituras, repetidas vezes, destacamos nos discursos as palavras-chave, codificando as unidades de significado agrupadas em categorias, na busca de revelar a essência da experiência de amamentar.

RESULTADOS

Descrição das observações e caracterização das mães – informantes

Ao chegar ao NUAM, o primeiro contato foi com a enfermeira, e, posteriormente, com outras funcionárias (uma médica e uma recepcionista), pois esta é a equipe presente em cada turno (manhã e tarde). Todas se mostraram receptivas à realização da pesquisa e nos cederam a oportunidade de “estar ali” observando e conversando com as mães. Percebemos que estas compareciam ao NUAM, na maioria das vezes, acompanhadas por amigas, maridos, pessoas vizinhas, ou outro membro da família, estando dificilmente sozinhas.

Durante as conversas informais com as mães, ao questionarmos sobre a situação de vida de cada uma, res-

saltavam a dificuldade de estarem ali e algumas lembravam dos filhos menores que ficavam em casa com outros irmãos, também menores, ou com a vizinha. Na idade dessas mulheres, predominavam adolescentes e mulheres jovens, mas havia também a idade superior a trinta anos, em menor quantitativo. A maioria tinha baixo poder aquisitivo, permeado de dificuldades na alimentação, na moradia, na sobrevivência em geral, repercutindo na condição de comparecer ao serviço para dar continuidade aos cuidados com o filho. Três mães falaram claramente que não tinham dinheiro para pagar o transporte e pediam emprestado ao vizinho. Outras, que não falavam diretamente no assunto, deixaram implícitas essas dificuldades e retratavam o desejo de estar ali, pois confiavam no serviço e já conheciam os profissionais. Muitas delas procediam de áreas próximas ao hospital, mas também de bairros distantes e o motivo principal de retornarem às consultas e à orientação de aleitamento materno fundamentava-se, principalmente, na confiança e no vínculo formados com o serviço.

Nesse grupo de mulheres, predominavam primíparas, que se mostravam “curiosas” ao observar outras mulheres com experiências no manejo da amamentação e cujos filhos se apresentavam com bons parâmetros no crescimento e desenvolvimento. Uma das atitudes da enfermeira nessa atividade “educativa” era apresentar esse lactente maior e com essas características ao grupo de mães, como forma de motivá-las a continuar amamentando. Também conviviam, no grupo, mulheres múltiparas, com experiências próprias de dificuldades, que por motivos maternos ou do recém-nascido, não haviam amamentado os filhos mais velhos.

As mães que freqüentavam pela primeira vez o Núcleo vinham encaminhadas do alojamento conjunto e, inicialmente, assistiam a uma “exposição de informações”, ministrada pela enfermeira do setor, que a considerava um momento de troca de experiências e denominava essa atividade como “dinâmica de grupo”.

Observamos que, no momento das explicações, algumas mães amamentavam seus filhos numa posição de desconforto para ela e para a criança. Constatamos, algumas vezes, mães que traziam mamadeiras e chupetas para o local, de forma “inocente”, condicionada pela angústia do choro do bebê; porém, outras tinham a certeza de que essa atitude não seria aceita pelos profissionais e mantinham às

escondidas esse material. Uma dessas mães revelou que não falava para a médica, nem para a enfermeira, para não cortarem o atendimento da criança, pois queria muito que o filho continuasse a ser atendido nesse serviço. Essa era uma estratégia utilizada pelas mães para evitar julgamento negativo por parte da equipe do Núcleo.

Durante as orientações, quase todas as mães ficavam atentas às explicações fornecidas, menos aquelas que se ocupavam com o cuidado do filho, ou mesmo dedicando-se à amamentação do bebê. As informações ministradas tinham como foco principal intercorrências mamárias e cuidados dirigidos para a eficácia da amamentação, tais como: ingurgitamento, ordenha da mama, posicionamento da mãe e do bebê ao amamentar, tipos de mamilos, pega correta e o porquê de não oferecer mamadeiras ou chupetas à criança até seis meses e, ainda, outros assuntos emergentes durante a “conversa” que, por vezes, estendiam a comunicação entre a enfermeira e as mães sobre dúvidas levantadas.

Observamos que as experiências vivenciadas internamente pelas mães não eram exploradas o suficiente para uma compreensão da subjetividade do ato de amamentar, pois havia maior preocupação com os aspectos físicos da mãe e do bebê e os benefícios econômicos resultantes da amamentação, embora a enfermeira tentasse transmitir empatia para as mães, procurando estabelecer uma comunicação eficaz em suas informações e mostrando opções de soluções para os problemas identificados na dimensão física.

Dentre os fatores desfavoráveis para o aprendizado da mãe sobre amamentação, destacamos o espaço físico inadequado. As orientações eram ministradas numa pequena sala de recepção, na qual a enfermeira conversava com as mães e, ao mesmo tempo, respondia às intercorrências administrativas, interrompendo o prosseguimento da atividade. Mesmo assim, algumas mães tiravam suas dúvidas e ficavam atentas às explicações.

Vale ressaltar que os aspectos referentes às crenças, valores e ao conhecimento da subjetividade de cada mãe, influentes no ato de amamentar, não eram explorados a contento. Percebemos, ainda, que muitas nutrizas recebiam as informações sem questionamentos, dificilmente expondo suas opiniões e dificuldades sentidas.

Compreensão do ato de amamentar sob o olhar das mães e as influências socioculturais na decisão de aleitar

Para a compreensão do fenômeno amamentar, é preciso analisá-lo como um ato que envolve comportamentos e crenças, construídos pela interação da mulher com seu contexto social e os “objetos” significantes contidos neste ambiente. Na Antropologia, este contexto citado é o conjunto de símbolos que constituem a cultura na qual a mulher está inserida. Os elementos culturais com os quais ela interage são interpretados e revestidos de significados que determinam as ações relacionadas ao ato de amamentar³.

Neste contexto em que a mulher estabelece suas decisões, encontram-se a família e os amigos de maior afinidade, proporcionando suporte para que ela decida e continue a amamentar, mesmo diante de alguns obstáculos, próprios da situação que envolve aspectos multidimensionais, desde o estado fisiológico até o estado mental e outros inter-relacionados. Na convivência com essas mulheres e descrevendo seus discursos, podemos visualizar tal situação nas falas:

As pessoas que me incentivaram a amamentar foram minha sogra e minha irmã. Elas me disseram que era mais fácil e prático para mim, que eu não precisava acordar a noite para fazer leite e chá. Era só levantar colocar o peito para fora e dar de mamar. (3)*

... quem mais me influenciou a dar de mamar foi uma das mulheres onde eu trabalho, mas minha família também quer que eu amamente”. (12)

É notável o papel agregador da família na assimilação das práticas e saberes sobre a amamentação. A experiência de ter alguém na família que teve sucesso em amamentar auxilia a atitude materna em aderir a essa prática, bem como a presença e a ajuda do marido em casa colaboram positivamente:

Minha mãe me influenciou muito para eu amamentar, ela me ajuda bastante. Eu tenho quatro irmãos, todos mamaram. (11)

Minha irmã me ensinou muito, ela já amamentou. Foi ela e meu esposo que me ajudaram amamentar. (10)

* Forma de identificação das entrevistas.

Meu marido me incentivou muito para que em amamentasse, ele diz que é sadio para a criança. Ele me ajudou desde a gravidez, conversava com ela ainda na barriga [...] (5)

A partir dos conhecimentos, atitudes e comportamentos socializados, as mães constroem seu pensamento sobre amamentação, estabelecendo metas e baseando suas decisões. Haja vista, a idéia de que a decisão em amamentar é determinada pelo significado construído pela mãe ao vivenciar o aleitamento natural, percebemos que esta vivência é permeada, não somente, por conhecimentos isolados, mas também por heranças socioculturais apreendidas no cotidiano.⁵

A dinâmica familiar presente na amamentação pode ser revestida de aspectos contribuintes ou não para a prática do aleitamento, produzindo na nutriz incertezas e preocupações relativas ao ato de amamentar:

Minha mãe, quando me vê amamentando, fala para eu dar um pouco de chá para passar as cólicas da neném. Eu até já dei uma vez, mas hoje eu não dou mais [...] (6)

Às vezes, as pessoas falam que é para eu tirar ele do peito, porque o leite é só água, mas eu não tirei. (8)

[...] uma tia da neném, disse que o meu leite era fraco, e para a menina engordar eu tinha que dá mesmo era leite de vaca. Depois que ela falou isso eu fiquei preocupada [...] passei um tempo preocupada, mas não deixei de amamentar. Essa tia enche muito meu "saco" (11).

Além da família, destaca-se, nos discursos, a importância dos profissionais de saúde na construção do significado e no processo de decisão em amamentar das mães. É relevante mencionar que, como as entrevistas aconteceram com participantes de um Núcleo, onde as ações desenvolvidas são de incentivo, apoio e ajuda à mãe na amamentação, esta influência é justificada. Visualiza-se nas falas maternas:

Quem me incentivou a amamentar foi a enfermeira do NUAM, ensinando o jeito de amamentar, com a posição certa do bebê e que não é preciso gastar dinheiro para comprar outro leite. (2)

O que mais me ajudou a amamentar foi o NUAM, pois aqui eu aprendi a amamentar direito, a doutora me explicou para que serve a amamentação e agente sai incentivada para amamentar. (4)

É oportuno ressaltar que há momentos em que alguns profissionais, no afã de conseguirem resultados imediatos para o alcance de padrões nutricionais e a redução de doenças, não se dão conta do cenário das emoções e subjetividades do qual a amamentação faz parte. Este fato será discutido em categoria reservada para as experiências de ensino no Núcleo em estudo.

Geralmente, a visão daqueles que atuam no campo da saúde elegem a criança como único e exclusivo foco das ações profissionais, esquecendo-se de que os benefícios e/ou prejuízos não ocorrem somente para quem recebe o leite, mas também para quem o doa. Assim, a transitividade entre o sujeito e o objeto deve ser considerada, sob o risco de não entender a sintaxe do processo⁶.

Deste modo, as estratégias de promoção à amamentação, comumente impregnadas pelo reducionismo biológico, estabelecem ações que se orientam, invariavelmente, para informar às mães as vantagens em ofertar o seio ao seu filho, responsabilizando-as, direta ou indiretamente, pelos resultados futuros, decorrentes do sucesso ou do fracasso em amamentar.

A lógica de "informar para responsabilizar" procura modular o comportamento da mulher em favor da amamentação, imputando-lhe culpa pelo desmame precoce, associado de forma direta a agravos para a saúde dela e de seu filho⁶.

Considerando a amamentação como um ato regulado pela sociedade, biologicamente determinada e socioculturalmente condicionada pelo suporte social oferecido à mulher, seja familiar ou profissional, a mãe constrói seu mundo-vida a partir dos condicionantes externos, fazendo com que, ao se deparar com as dificuldades no processo do amamentar, formule seus próprios mecanismos de defesa a fim de ser considerada pertencente ao con-

texto histórico-social onde se insere. Raramente, as mulheres assumem o desmame precoce e, na maioria das vezes, lançam mão de mecanismos de defesa, adaptados ao que é aceito e esperado no contexto sociocultural em que se encontram inseridas⁷.

Estes mecanismos de controle, exercidos sobre o ato de amamentar, são característicos da sociedade na qual a mãe se encontra, retratando neste ato o reflexo dos padrões sociais vigentes⁸.

Deste modo, a mulher absorve as informações fornecidas e idéias estereotipadas, percebendo o amamentar como um ato de amor materno, de doação e como forma de proporcionar a saúde biológica de seu filho, aspecto positivo, mas não único, para que essa ação tenha uma continuidade e a mulher sinta-se feliz e capaz de superar obstáculos. As nutrizas expressam esta realidade, a qual pode ser apreendida por todos os que se preocupam em compreender esse momento da amamentação:

Amamentei minha filha porque vejo outros bebês que logo ao nascer adoecem por não terem uma boa alimentação, e eu quero a saúde dela. (1)

[...] amamentar é bom porque você está ajudando uma vida. (3)

[...] toda mulher que está grávida, já sabe que o certo é amamentar seu filho. (10)

Eu amamento porque eu sei que estou satisfazendo minha filha, ela precisa de mim [...] a criança necessita do leite. (11)

A partir da compreensão dos depoimentos, podemos perceber que o discurso que afirma essa devoção da mãe com os filhos está de tal forma internalizado que torna-se difícil à própria mulher romper com esta imagem de "supermãe". Assim, sua dedicação aos filhos não tem limites e se, porventura, ela assim não procede, passa a se sentir culpada e negligente, retratando a amamentação com um dever materno.

O condicionamento social que vincula a amamentação ao fato de amor materno é apregoado desde o século XIX, tendo como tese pioneira a de Agostinho José Ferreira Bretãs,

com o título: "A utilidade do aleitamento maternal e os inconvenientes que resultarão do desprezo deste dever"⁶.

A idéia de obrigação natural da mulher e o dever sagrado em amamentar, há mais de 200 anos, permanecem em nosso meio, fazendo com que a mãe internalize conflitos que, muitas vezes, interferem em sua decisão, pois nem toda mulher pode trazer consigo esse tipo de dedicação apregoada.

Os conflitos vivenciados entre o querer e o poder amamentar dependem de fatores sociais, culturais, legais, psicoemocionais, portanto, não só fisiológicos. O ato de amamentar é fruto de um fenômeno cultural e, como tal, não pode ser examinado fora do contexto em que esta se insere.

O fato de a amamentação ter sido construída com uma categoria definida por atributos eminentemente biológicos reduz a efetividade das ações de programas de incentivo ao aleitamento, sendo necessário o estabelecimento de estratégias que lidem com fatos culturais que gravitam em volta do ato de aleitar.

É importante possibilitar a atuação de mediadores entre o determinismo biológico e o condicionamento cultural em torno da amamentação, ensinando, amparando e ajudando a mulher a vencer a historicidade de seus costumes, procurando opções para superar os conflitos daí emergentes.

As vantagens da amamentação descobertas pela ciência e difundidas na sociedade não têm sido suficientes para garantir a incorporação de valores culturais capazes de reverter a tendência ao desmame precoce.

Experiências de aprendizagem vivenciadas pelas mães em um Núcleo de Aleitamento Materno

Os discursos das mulheres revelam que as orientações recebidas são abrangentes sobre a condição biológica, refletindo os aspectos técnicos envolvidos no ato de amamentar. Isto se mostra nas seguintes falas:

Os profissionais de saúde do NUAM me ensinaram o modo, a posição certa de amamentar, antes eu colocava ela no colo e me abaixava, agora não, a gente fica reta e coloca ela na posição. Também aprendi a importância da amamentação para ver minha filha com saúde. (1)

Aprendi muitas coisas no NUAM como o jeito de deitar a criança para mamar, a enfermeira ex-

plica bem, eu fui muito bem recebida. Aprendi também que durante os seis primeiros meses da amamentação não pode dar sopa [...] (9)

As informações técnicas no processo de ensino são úteis e importantes para responder às dúvidas presentes. Ter acesso ao conhecimento técnico mencionado, entretanto, não será suficiente para a efetivação da amamentação. O sucesso do aleitamento depende, mais do que qualquer outra coisa, de como a mulher se sente mediante a prática de amamentar e da realidade familiar e social por ela vivenciada.

Situação em que as orientações ministradas são direcionadas às intercorrências mamárias e não ao sujeito que amamenta é percebida em parte dos serviços de saúde que desenvolvem ações educativas para gestantes e nutrizas. Assim, partindo do pressuposto de que a mulher é capaz de vivenciar a experiência da amamentação com sucesso, se estiver preparada a partir dos conhecimentos de aspectos básicos e práticos da amamentação, a maioria dos programas direciona suas ações educativas para o enfoque de aspectos técnicos e biológicos da amamentação^{9, 10}.

Como profissionais incentivadores da amamentação, devemos compreender a interdependência dos fatores que influenciam e interferem na efetivação da prática de aleitar, sejam eles biológicos, psíquicos e sociais, a fim de que uma ação sistematizada, planejada e organizada seja estabelecida, já que em certos momentos ainda percebemos a fragmentação do saber e da ação¹¹.

Portanto, a ação educativa, envolvendo a ajuda prática dos profissionais mediante os obstáculos vivenciados pela nutriz, favorece a amamentação. Durante a orientação a essas mulheres, várias habilidades e técnicas podem ser utilizadas, mas o que prende nosso interesse neste estudo é o processo comunicativo do profissional, ressaltando as habilidades para conhecimento da realidade da mãe e da criança no processo de amamentar.

A comunicação eficaz passa pela autenticidade, ausência de julgamentos e empatia. Percebendo o aleitamento materno a partir da perspectiva da mãe que amamenta, poderemos auxiliá-la na compreensão e superação das dificuldades inerentes ao processo de aleitar, ajudando a mulher a vivenciar sua experiência de forma positiva e integrada¹².

A compreensão acerca dos obstáculos relacionados com a efetividade da prática de amamentar é um dos grandes desafios enfrentados pela equipe de saúde. Esses obstáculos podem ser compreendidos quando forem visualizadas as necessidades da mulher, haja vista suas condições de vida, trabalho e estrutura social, tornando a nutriz sujeito construtor do fenômeno amamentar. A partir daí, a ação educativa de apoio à amamentação terá sua eficácia com resultados positivos na saúde do binômio mãe-filho.

Isto será possível mediante uma atividade educativa simétrica, centrada não somente nas concepções dos profissionais, mas respeitando o senso comum que encerra a vivência dessas mulheres em seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de ampliar a compreensão do significado da amamentação para as mães, seguimos um modelo de pesquisa com pressupostos da Antropologia Cultural, com a intenção de fazer descobertas sobre o mundo-vida das nutrizas dentro de um contexto sociocultural, compreendendo a mulher em sua singularidade, sobretudo em suas vivências na amamentação. Assim, entendemos estas vivências como experiência pessoal concreta do vivido, retratando o significado simbólico, de como são interpretadas as experiências objetivadas no papel de ser mãe, amamentando.

Considerando o amamentar como um processo socialmente construído, vivenciado com ansiedades, medos e conflitos, que se refletem na vida do recém-nascido, da mãe e do conjunto familiar, percebemos que as mulheres, ao se depararem com obstáculos durante a amamentação, resgatam valores culturais que vinculam a amamentação ao amor materno, como uma das formas de transpor suas dificuldades. Em nosso meio, muitas mulheres aderem ou não ao aleitamento materno condicionadas por valores culturais do seu ambiente social. Nesse sentido devemos contribuir na superação das "culturas resistentes" à amamentação sem, contudo, desprezar a identidade cultural construída no cotidiano da mãe que amamenta.

Os profissionais de saúde exercem importante influência na compreensão dos significados do fenômeno

amamentação para as nutrizes. Nesse sentido, percebemos que as orientações recebidas, no Núcleo em estudo, ressaltavam o aspecto fisiológico da amamentação em detrimento de outros de ordem social, cultural e emocional, condicionando a experiência a aspectos técnicos e dificuldades biológicas, não abrangendo “a teia de significados” presente na amamentação. Isto traz um distanciamento sobre as crenças, valores e tradições culturais que permeiam a prática da amamentação e, conseqüentemente, dificulta o acesso dos profissionais à realidade da mãe, tornando-se uma prática fragmentada e descontextualizada, pois sabemos que a amamentação é uma prática socialmente construída, mas deve ser compreendida levando-se em consideração a individualidade de cada ser que amamenta.

Esta pesquisa oferece subsídios para uma educação fundamentada nas necessidades biológicas e psicossociais das mães que amamentam, sugerindo a oportunidade de sairmos do discurso idealista e distante da realidade materna para a ação junto às mulheres e seus filhos. Os resultados abrem espaços para discutir a amamentação sob várias ópticas e faz-nos refletir sobre as dificuldades presentes no ato de aleitar, considerando a mãe como sujeito da ação e não apenas executora.

A ação educativa, como forma de promover a amamentação, significa apreender o mundo-vida das mães, ligando aspectos de sua dimensão biológica ao contexto social, cultural e às condições emocionais que se sobrepõem ao momento vivido por essas mulheres.

Acreditamos que tal proposta deve ser explorada e compartilhada com todos os que se preocupam em melhorar a saúde materno-infantil com ações simplificadas, como o aleitamento materno, sendo uma das opções de atenção básica defendida mundialmente. Assim, devemos superar a visão mecanicista e “biologicista” presente em muitos relatos sobre a amamentação, aderindo a novos conceitos e práticas, que permitam uma perspectiva humanizada que integre aspectos físicos, emocionais e culturais, que favoreçam a saúde da mãe e do bebê.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde(BR). Últimos dados sobre a situação do aleitamento materno, 996. [online] [acessado em: 2002 maio 27]. Disponível em: <http://www.aleitamento.med.br/dadosam.htm>.
2. Arantes CIS. O Fenômeno amamentação: uma proposta compreensiva. [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 1991.
3. Geertz C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1989.
4. Geertz C. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; 2000.
5. Rezende MA et al. O processo de comunicação na promoção do aleitamento materno. Rev Latinoam Enfermagem, Ribeirão Preto 2002 mar-abr; 10(2):234-8.
6. Almeida JAG. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1999. 120p.
7. Réa MF; Cuckier R. Razões de desmame e introdução da mamadeira: uma abordagem alternativa de estudo. Rev Saúde Pública 1984; 22(3):184-91.
8. Almeida JAG, Gomes R. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. Rev Latinoam Enfermagem, Ribeirão Preto 1998 jul; 6(3):71-6.
9. Motta JAC. Ideologia implícita no discurso da amamentação materna e estudo retrospectivo comparando crescimento e morbidade de lactentes em uso de leite humano e leite de vaca [dissertação]. São Paulo (SP): Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 1990. 226p.
10. Silva IA. Construindo perspectivas sobre a assistência em amamentação: um processo interacional. [tese livre docência]. São Paulo(SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 1999. 168p.
11. Almeida ME. Repensando o aleitamento como questão social. [monografia]. Fortaleza(CE): Universidade Estadual do Ceará; 1996. 88p.
12. Rogers CR. Liberdade para aprender. 2ª ed. Belo Horizonte: Interlivros; 1973.

RECEBIDO: 18/12/03

ACEITO: 17/01/05